



Entre Mulheres e Plantas: entrevista com Flávia Charão Marques

Between women and plants: interview with Flávia Charão Marques

Ângela Camana¹
Luciana Costa Brandão²

Apresentação

Flávia Charão Marques é agrônoma formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo se doutorado em Desenvolvimento Rural em 2009, com período de estudos no Rural Sociology Group, vinculado à Wageningen University, na Holanda. Sua trajetória é notadamente interdisciplinar – atualmente Flávia é docente e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), bem como na Faculdade de Agronomia da UFRGS. Em suas pesquisas sobre plantas medicinais e, sobretudo, com aqueles que as cultivam e utilizam, Flávia conjuga interesses de diferentes áreas do conhecimento, colocando em questão separações estanques que isolam ciências sociais e ciências naturais.

As mulheres e as plantas, nos explica Flávia, são presenças constantes (e inquietantes) em seus trabalhos de pesquisa e extensão – e, assim, julga ela que “de uma forma um pouco estranha”, questões de gênero e questões ambientais passaram a se entrelaçar. Recentemente, esta maneira de tecer o conhecimento desde temas tão urgentes encontrou ecos nos interesses de estudantes de pós-graduação. Em 2017, Flávia ofertou pela primeira vez no PGDR a disciplina “Estudos Feministas, Desenvolvimento e o Rural”, buscando discutir as aproximações possíveis entre estes temas a partir dos trabalhos de pesquisa em andamento das estudantes matriculadas.

Em dezembro de 2018, Flávia nos recebeu em sua sala para um conversa sobre sua trajetória, que ela própria define como “não retilínea”, compartilhando um pouco de seus últimos projetos de pesquisa e suas inquietações atuais. O resultado é a entrevista que divulgamos a seguir!

Entrevista

Ângela: Flávia, para início de conversa, a gente gostaria de ouvir um pouco sobre a tua trajetória.

Na verdade, eu por formação sou engenheira agrônoma: fiz o curso de Agronomia na metade dos anos 1980, no início dos 1990, me graduei. Então, na verdade, se eu for contar lá dos “primórdios”, quando eu entrei na Agronomia eu tinha 17 anos e eu queria ser cientista. Eu gostava de biologia, mas pensava “ser bióloga não vai dar”; minha mãe era bióloga e professora e eu pensava “eu não quero ser professora, eu quero ser cientista”! Bom, virei professora [risos]. E eu gosto! Ainda muito cedo, quando eu estava na faculdade, comecei a trabalhar com as plantas medicinais. Na verdade, eu fui atrás de uma bolsa de iniciação científica, porque afinal de contas eu queria ser cientista: naquela época as

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Bolsista CAPES. Membro dos grupos de pesquisa Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade (TEMAS - www.ufrgs.br/temas) e Jornalismo Ambiental (<https://jornalismoemeioambiente.com>). E-mail: angela.camana@hotmail.com.

² Graduada em Relações Internacionais e Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Especialista em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Leiden, Holanda. E-mail: luciana.costa.brandao@gmail.com



bolsas eram raras, encontrei uma para trabalhar com alface, com melhoramento genético... e eu fui lá. Logo em seguida a professora que trabalhava com isso – que é a professora Ingrid de Barros, agora já aposentada – introduziu esse tema muito pelas beiradas. Se hoje em dia ainda não é uma coisa tão óbvia trabalhar com o tema na área das Ciências Agrárias, imagina naquela época! Enfim, essa de certa forma talvez tenha sido uma porta para entrar para outros mundos, porque eu entrei lá para trabalhar com uma coisa, acabei me encantando por outra e fui indo. Então, desde o princípio eu tive contato com muitas outras áreas do conhecimento e também com muitas outras pessoas. Porque eu estava lá fazendo meu curso de agronomia, dentro do que as Ciências Agrárias mais convencionais têm para oferecer, mas ao mesmo tempo eu comecei a ter contato com gente da antropologia, da farmácia, com raizeiros, com senhoras que produziam plantas, com gente em encontros da terceira idade que seu reunia pra falar de chás, muitos profissionais da saúde – os que eram contra e os que eram a favor [do uso das plantas medicinais]. E assim foi. Isso me fez ter uma trajetória que não é retilínea dentro do que eram as agrárias naquela ocasião. Eu fiz mestrado ainda na agronomia, no qual eu trabalhei com a marcela³, que é uma planta nativa; na época era a linha de pesquisa que a professora Ingrid iniciava: a gente trabalhava com plantas medicinais nativas. Com o tempo, por ter trabalhado com políticas públicas na Secretaria da Agricultura, eu acabei migrando para a área do desenvolvimento rural. E a minha tese de doutorado também foi com plantas medicinais! Eu trabalhava com as plantas e gostava muito: adorava estudar bioquímica, botânica, fisiologia, todas essas coisas. Só que num dado momento eu comecei a trabalhar mais com as pessoas do que com as plantas. E a minha tese é algo que vejo como intermediária – é uma discussão sobre tecnologia, ciência e inovação, olhadas a partir da produção das plantas medicinais. Mas, coisas ficaram em aberto, e eu acho que já vinha de antes. Nesse trabalho, cada vez mais eu fui me dando conta de que eram as mulheres que estavam envolvidas com as plantas medicinais. Mesmo quando eram eventos de cunho acadêmico, me dava conta que estava rodeada de mulheres: farmacêuticas, dentistas, enfermeiras, médicas. Há uns 20 anos, eu dava cursos no interior do Rio Grande do Sul, tratavam de identificação de plantas: invariavelmente eu chegava lá e, *pumba*, sempre era um grupo de mulheres. Então, eu acho que foi uma forma um pouco estranha de ter entrado nesse tema, que não é de gênero propriamente. Eu estudava as plantas medicinais – e esse tema é constante em minha trajetória – e foi com esse tema que algumas questões impulsionaram a minha entrada no que hoje a gente poderia colocar sob este grande guarda-chuva que são os “estudos de gênero”.

Luciana: Eu fiquei curiosa: tu tens alguma ideia do porquê desta temática ser rodeada por mulheres?

Uma das coisas que eu acho, só mais recentemente eu fui elaborar melhor isso, tem a ver com o tema do *cuidado*. Há toda uma elaboração de várias e diferentes feministas que trabalham com a questão do cuidado, e eu tenho a impressão que está muito relacionado a isto, a este “universal” que alguns autores vão chamar de papel feminino no/do cuidado. Este conhecimento acerca das plantas, acerca de como e em que situações as usar como um recurso terapêutico é muito próprio das mulheres. Essas práticas populares em saúde todo mundo faz, todo mundo sabe – nem que seja colocar um pano úmido frio na testa para baixar a febre. Essas práticas todos temos, porque nos cuidamos e cuidamos daqueles ao nosso redor, mas esse cuidado, tanto com a família quanto com seu grupo de convívio, sempre recaiu sobre as mulheres. De modo que elas vão acumulando conhecimento sobre as plantas. [aponta para uma foto pendurada na parede] A dona Rosa é essa que aparece aqui nessa foto antiga, ela tinha um mato na propriedade com um monte de plantas, mas ela não trabalhava com as plantas

³ A macela ou marcela (nome científico: *Achyrocline satureioides*) é uma erva da flora brasileira, também conhecida por macela-do-campo, macelinha, macela de travesseiro, carrapichinho-de-agulha, camomila nacional, entre outros.



com uma finalidade comercial. Ela é uma mulher lá de Chapecó⁴, participa do Movimento de Mulheres Camponesas e tem um cem números de plantas: quando a conheci, fazia um trabalho comunitário com relação a isso. Eu acho que a relação entre as plantas medicinais e as mulheres tem muito a ver com esses papéis assumidos de cuidado da família – posteriormente ou concomitantemente há esse cuidado com a comunidade. Nos lugares rurais é muito comum haver determinadas pessoas – e nem sempre são mulheres, tem homens também que se ocupam disso. Mas, com relação à família sempre teve muito esse protagonismo das mulheres.

Ângela: Então tu achas, de certa maneira, que não é a agricultura um lócus privilegiado pra se observar este entrelaçamento, mas especificamente é o tema das plantas medicinais?

É, eu acho que sim.

Ângela: Eu te pergunto porque temos lido muitos textos que têm tentado fazer este entrelaçamento entre o que estamos aqui chamando de “questões de gênero” e “questões ambientais” no que diz respeito à agroecologia. Como tu pensas estas proposições que trazem algo de conexão essencial entre as mulheres e a natureza?

Por dentro da agroecologia eu acho que prevalecem estas correntes mais essencialistas, digamos assim. Isso faz com que se assuma muito rapidamente que as plantas e a natureza, que o cuidado com a natureza é o cuidado com a vida e que isso é uma espécie de natureza feminina. Isso tudo faz com que sejamos colocadas como “as cuidadoras”. É um outro olhar sobre a ideia do cuidado. Eu acho interessante, porque através dessa perspectivas as mulheres também têm seu trabalho e seu conhecimento valorizado – mas eu acho que temos que ter um pouco de cuidado com essa essencialização. Não é que a gente tenha que tirar essas questões da esfera feminina, aliás eu acho muito importante que seja reconhecido que em muitos lugares, muitas comunidades e muitas famílias quem conhece e quem cuida são as mulheres – não só das plantas medicinais, mas também das coisas de comer. Porque o mundo masculino, que está associado ao produzir para o mercado, muitas vezes, invisibiliza todo esse trabalho das mulheres, não só o doméstico, mas o trabalho que alguns vão chamar do “ao redor da casa”: o cuidado com pequenos animais, tirar o leite, coisas que de alguma maneira também estão relacionadas com cuidar, com ter o que comer. Só que eu acho que não necessariamente isso é da *essência* feminina, talvez tenha sido muito mais uma *construção*. Isso é um pouco do que a gente vem pensando nos projetos: esse conhecimento [sobre plantas medicinais] e essas práticas em saúde vêm tensionar a própria família. No rural, inclusive isto pode tensionar a maneira como se faz agricultura. Por exemplo, o uso de agrotóxicos e de transgênicos. A gente trabalhou com algumas mulheres que têm tensões com seus próprios maridos e família: “eu estou aqui cuidando das plantas medicinais e das coisas que a gente come, mas meu marido segue usando transgênicos e cultivando com agrotóxico”. Eu não trabalho muito com o sentido de que o cuidado seja uma *essência* feminina, mas eu acredito que se trata de uma *construção* bastante complexa. Acho, ainda que isto nos dá uma possibilidade importante de uma *construção* política acerca dessas mulheres. Eu tendo a pensar que ao essencializar o papel ou a natureza feminina a gente corre um risco de despolitizar o debate e, além disso, de sobrecarregar as mulheres. Falando especificamente de algumas realidades rurais, nos últimos anos, uma reivindicação muito cara às mulheres é por ter renda própria, já que têm seu trabalho invisibilizado ou absorvido nas atividades que a família exerce. E as mulheres têm saído do âmbito do doméstico para obterem sua própria renda – isso traz algumas questões. O grande problema que eu vejo nesse processo é que elas não se desobrigaram das outras coisas que faziam antes. Nesse trabalho com mulheres e plantas medicinais, algumas têm nos dito que gostavam muito de se

⁴ Município localizado no oeste do estado de Santa Catarina.



reunir com suas companheiras para falar de coisas da saúde e fazer os seus remédios, mas já não têm mais tempo, pois agora estão comercializando na feira ou produzindo para diferentes mercados, as escolas por exemplo, agora elas têm agroindústrias. Só que continuam arcando com o trabalho da casa e com os filhos. Ao mesmo tempo, não necessariamente dá pra dizer que isso é ruim, porque elas também ficam felizes em poder contribuir financeiramente com a família. Mas, isso foi bem marcante nas entrevistas que nós fizemos em diferentes lugares e situações. Eu tendo a pensar que se a gente essencializa esse papel feminino a gente pode estar criando um sombreamento ou mesmo novas invisibilizações. É preciso ter cuidado ao analisar esses processos.

Ângela: Nós estávamos comentando a respeito de uma percepção nossa que, em geral, pesquisadoras e pesquisadores que entrelaçam e sobrepõem estas questões tomam a categoria de gênero como base teórica e as questões ambientais como base empírica. O que nos parece super interessante da tua trajetória é que tu faz justamente o contrário.

Luciana: Teorias como o eco-feminismo, por exemplo, parecem que tendem a fazer esse acoplamento.

Ângela: Assim como o feminismo num contexto de conflito ambiental.

Sim. Há, inclusive, alguns trabalhos sobre “as mulheres e a agroecologia”. Eu não sei se é um revés, mas é uma trajetória. No começo o meu foco era outro, era discutir tecnologia na agricultura, conhecimento, inovação, ciência para uma outra agricultura. E o tema das mulheres foi chegando cada vez mais. Por isso eu tendo a não conseguir enxergar muito esta síntese feminina, mas muito mais a *interface* dessas questões como também uma parte deste motor, destas propostas que as próprias mulheres vão colocando. Eu não comecei estudando questões de gênero. Mesmo hoje em dia sou muito modesta em colocar nestes termos. Eu não acho que eu seja uma estudiosa de gênero porque eu não dou conta de estudar todas estas outras relações que tem a ver com esse guarda-chuva que eu estou chamando de “estudos de gênero”. Este termo colocado assim é muito amplo, tem muitas coisas aí dentro. Então, não posso dizer que eu vou dar conta disso tudo. A questão dos transgêneros, por exemplo. Tu tens um mundo aí dentro. Modestamente, a gente tem tentado fazer esse esforço de cruzamento. Bom, a forma como a gente pode contribuir é permanecer naquilo que eu faço, que são os estudos críticos sobre o desenvolvimento e, ao fazer isso, cruzar com algumas questões como as das mulheres no rural, suas formas de organização, as transformações, às vezes, imperceptíveis, mas que imprimem cursos de mudança de social; ou a entrada dos próprios estudos feministas como caminho teórico-metodológico pra pensar a problemática do desenvolvimento, suas desigualdades e injustiças. Então, essa tua observação tem um pouco a ver com isso. Tem um texto curtinho sobre metodologia feminista, da autora britânica Barbara Pini que transmite muito bem o que eu venho pensando. Qual é a contribuição do pensamento feminista para fazer uma aproximação com as outras questões? Então, não é falar em mulher e ambiente, mas sim é o quê do olhar feminista pode nos ajudar teórica e metodologicamente para olhar a problemática ambiental a partir destes óculos, desta lente. A própria disciplina que eu ofereço aqui “Estudos feministas, desenvolvimento e o rural”, surgiu muito por isso. Bom, o que é esse mundo dos estudos feministas que a gente está tentando entrar? Porque é um mundo também. Como eles podem nos ajudar para nos aproximarmos dos objetos e das questões com as quais trabalhamos? Não é a mulher e o desenvolvimento. O que esta autora coloca é sobre como tu partes de um olhar feminista para trabalhar *qualquer questão!* Ou seja, qual é a contribuição? Como tornar a ciência mais feminista? Acho que os objetos que nós estamos lidando não são especificamente “a mulher”, “o feminino”, “o feminismo”, mas sim fazer com que isso permeie os outros estudos, as outras metodologias e perspectivas. Um exemplo que corrobora com isso é fato de que você vai num congresso de sociologia onde tem grupos de trabalho. Aí, tem lá um grupo de



trabalho que trata sobre “mulher e agroecologia”, ou “feminismo e tal coisa”. E tem todos os outros. Se tem 30 grupos de trabalho, 29 são sobre outras coisas. E você acaba indo naquele um em que estão todas as mulheres do congresso, ou pelo menos boa parte delas. Só que os outros grupos continuam rolando, mas sem que esse olhar esteja presente, ou sem que essa tensão, sem que alguém esteja ali para tensionar o debate a partir deste outro olhar. Eu acho que essa é uma contribuição que estamos por construir, mas estamos indo devagarzinho. Se não, eu vou deixar confinado os estudos de gênero, os estudos feministas, das mulheres, e nós vamos começar cada vez mais a falar entre nós e todas as outras problemáticas – seja a ambiental, a tecnológica, as problemáticas relacionadas ao trabalho, disputas territoriais, etc. vão continuar sem esse olhar.

Ângela: A gente realmente queria te ouvir falar um pouco sobre como essa disciplina surgiu, mas fiquei pensando agora que eu tive o privilégio de participar da primeira turma. E lembrando agora, havia 20 estudantes e apenas 1 era homem, e ele não era vinculado a este PPG que é o de Desenvolvimento Rural. E o que me chamou muito atenção, como alguém das ciências sociais, é que eu era a única pessoa das ciências sociais a cursar a disciplina. Então, o que eu queria ouvir de ti é como foi esse desafio de falar sobre a temática de forma tão interdisciplinar ou multidisciplinar.

A história da disciplina brotou desse projeto que a gente desenvolveu com esse grupo de mulheres que trabalham com as plantas medicinais: “Mulheres e biodiversidade: ação coletiva no sul do país”. No decorrer deste trabalho a gente foi realizando alguns debates, houve ocasiões que a gente fazia uma vez por semana, reuniões sistemáticas de acompanhamento por dentro do próprio projeto e das ações que a gente estava desempenhando. Na época, especialmente as estudantes de mestrado que tinham dissertações relacionadas ao projeto, a gente se reunia pra discutir. E aí, a gente foi se dando conta que não tinha nada deste debate por dentro do Programa de Desenvolvimento Rural, fomos cozinhando essa ideia: “seria bom que houvesse uma disciplina”. Até que finalmente se propôs um tópico especial para tentar dar conta desta aparente demanda, que surge principalmente da vontade de trabalhar as questões das mulheres rurais. Nos estudos rurais prepondera esse tipo de trabalho sobre mulheres. Geralmente, quando se fala em questões de gênero, quando tu vais olhar algum artigo que te chamam pra dar um parecer, ou nos congressos, se percebe que os grupos que se dispõem a trabalhar com o rural e com gênero normalmente se circunscrevem à temática das mulheres, ou a mulher no rural e coisas assim. E, talvez, venha a aumentar outras temáticas por dentro disso, mas grosso modo, quase sempre quando se fala estudos de gênero é igual a estudos sobre mulheres. Então, a ideia foi questionar um pouco isso. Inclusive isso foi discutido com o grupo que estava envolvido no projeto, eram várias estudantes. Desenvolver o projeto, desenvolver estes trabalhos – tinha a Adriana Sanper, a Tamara Bubanz, a Judit Herrera, o Vinícius Bevegnú, também fez um trabalho dentro disso, a Sofia Orozco que trabalhou com mulheres na Colômbia. A gente foi fazendo os trabalhos e na medida que avançaram, nos demos conta de que faltava uma disciplina e a partir daí foi pensado o tópico especial e feito um piloto. Eu ofereci de novo a disciplina no ano seguinte e teve muito menos procura, eu tive só cinco alunas. Tinha uma menina que era do PG Agronegócios, uma jornalista, as outras eram daqui. Foi interessante também, porque se fez outra dinâmica. As temáticas eram parecidas com a primeira, mas deu pra trabalhar mais os projetos individuais de cada uma. Diminuiu um pouco o número. Não sei porque, se foi menos divulgado, se tinham outras disciplinas. De alguma forma isso vai continuar. Talvez eu venha continuar com outras contribuições, com colaborações e ampliar. Está em estudo. Mas a história da disciplina é essa, que ela nasceu pelos debates sistemáticos que fazíamos para dar conta deste projeto e dos trabalhos em andamento, e faltava um espaço mais disciplinar para trabalhar isso. E na medida que se foi pensando isso, se foi pensando muito em possibilitar esse espaço. Eu sempre insisto muito nisso, em como a gente vai “contaminar” os estudos sobre desenvolvimento, em especial os estudos sobre desenvolvimento que se referem ao rural, com a metodologia feminista,



com um olhar feminista sobre o desenvolvimento e as problemáticas que derivam dos processos em desenvolvimento. Porque estudos sobre mulheres têm bastante. Talvez não o suficiente, obviamente, acho que tem que ter muito mais, mas tem muita gente boa fazendo coisas interessantes. É desafiador. Não está feito ainda, por isso que estamos tentando contribuir um pouco com isso.

Ângela: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

No sentido de desenvolver uma agenda de pesquisa que seja transpassada por esse olhar feminista. Que não é só um olhar, obviamente, porque tem todas as militâncias. Mas, isso também tem a ver com essas construções teóricas que a gente tem tentado com o grupo do Workshop “Desafios analíticos contemporâneos: pós-desenvolvimento e modernidades”. Porque ao trabalhar com os olhares críticos sobre o desenvolvimento, nesse grupo internacional, nessa rede de trabalho, a gente vai se dando conta dos muitos limites que as abordagens impõem, e estas feministas têm muito a aportar, especialmente as que estão ligadas às novas materialidades, a própria questão das relações multiespécie que a Donna Haraway vai trazer, ou a Anna Tsing em seu livro sobre os cogumelos. São contribuições acadêmicas e intelectuais importantes, são aportes que vão entrando pela porta do feminismo. Acho que essas coisas foram acontecendo e mostrando um pouco esse caminho. Que é um caminho por fazer. E eu não vou fazer esse caminho sozinha! Eu sempre digo para as minhas alunas: vocês que estão entrando agora e que tem esse gás. Eu vou abrindo as portas e vocês vão fazendo. Então, é um pouco isso, abrir as portas para o pessoal mais jovem e com a cabeça mais aberta possa construir novos caminhos. Espero que com disciplina, sem disciplina, com projeto, sem projeto, não importa. O que importa é que a gente tenha um espaço dentro da universidade, dentro do mundo acadêmico que seja ocupado. E ele precisa ser, sim, pelas mulheres e por esse olhar feminista e outros olhares que venham a contribuir com isso, o que escapa um pouco de até onde eu consegui avançar. Imagina ter um olhar *queer* sobre o desenvolvimento! Entendeu? Seria excelente! Eu não cheguei até lá ainda, mas eu posso abrir as portas para que isso seja construído. Ninguém pode fazer isso sozinha.

Luciana: E nesse sentido, qual sugestão você daria para jovens que estão integrando esse caminho?

Olha, não faz muito tempo que me caiu nas mãos o livro da Anna Tsing, *The Mushroom at the End of the World*, aquele sobre os cogumelos, e quando eu comecei a ler, pra mim foi muito importante. Então, das coisas dos últimos tempos, ele foi muito renovador, muito estimulante. Foi muito pouco o que eu já consegui metabolizar e incorporar, eu ainda estou metabolizando, mas acho que foi importante, nos últimos tempos ler esse livro. Acho que é uma indicação interessante, que é o que me ocorreu agora.

Data de submissão do artigo: 30/05/2019

Data da decisão editorial: 17/07/2019